



Desenho de **Paulo Fernandes**, por especial cortesia

# **José Hermano Saraiva**

Entrevistado por Maria Augusta Silva

EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO ÁUDIO

OUTUBRO 2002

Ninguém lhe fica indiferente, mesmo quem não comunga dos seus pontos de vista. Historiador, filósofo, advogado, professor, investigador. É autor de diversos trabalhos, entre os quais «História Concisa de Portugal», um recorde de vendas absoluto. José Hermano Saraiva, um caso raro de comunicação e de tenacidade. Os diversos

programas que ao longo dos tempos tem apresentado na televisão e na rádio são êxito assegurado. Ele sabe que tem esse poder. Quanto ao que deve ser um serviço público de televisão, é perentório: «Está na Constituição». Daqui a cem anos serão divulgadas as memórias do historiador, que está a escrevê-las à mão e já vai em largas centenas de páginas. Foi deputado e ministro da Educação nos governos de Salazar e Caetano; e embaixador no Brasil. Diz sentir-se bem consigo próprio; sublinha que foi contra a Censura prévia e ele mesmo chegou a ser censurado. Na questão estudantil de 1969, em Coimbra, esclarece que procurou sempre o diálogo com os estudantes, advogando a ordem sem intervenção policial. Amigo e admirador de seu irmão, António José Saraiva, outro vulto da cultura portuguesa, de quem tem milhares de cartas, aprecia, igualmente, entre outros, Herberto Helder, Eugénio de Andrade, Torga, O'Neil, Régio, Eça, Fialho e Agustina. Na pintura, Rafael, Miguel Ângelo e Columbano. Não vai à missa, aprendeu que «Deus está em nós». E acha que a «geometria é desumana». Sofreu recentemente uma embolia dupla, mas reagiu com serenidade. Ficou a admirar a medicina portuguesa: «Os bombeiros de Palmela puseram-me em poucos minutos no Hospital de Setúbal, os médicos diagnosticaram rapidamente a doença e mandaram-me para Santa Marta. Não podia ser melhor tratado. Pensar-se-á que assim foi por ser conhecido, mas não, porque nas camas ao lado vi pessoas humildes a serem tratadas exatamente como eu. Já disse tão mal das instituições do nosso país que não queria deixar de dizer este bem». José Hermano Saraiva, um homem que pensa: «As expressões direita e esquerda estão ultrapassadas. É preciso caminhar resolutamente em frente, renovar métodos políticos, o funcionamento dos partidos e a própria estrutura

constitucional; é precisa maior interferência dos governados».

Prefere a cor branca, «a cor da paz».

Nesta entrevista (um tanto «incomodativa» na parte final, confidenciou à despedida) José Hermano Saraiva fala de si, de Portugal e do mundo. Diz: «Quem fizer guerra é criminoso contra a humanidade».

### **Ministro da Educação no tempo de Salazar e Caetano em finais da década de sessenta. Foi-lhe cara a criação do ensino politécnico?**

Tive a ideia de um ensino que assegurasse o pleno emprego. Um dos dramas de hoje é o facto de não existir correlação entre a produção de licenciados pelas universidades e as possibilidades de colocação no mercado de trabalho. Os jovens protestam e têm razão num sentido: consideram-se enganados porque não veem perspectivas de emprego internas. O Estado é o responsável pelo desengano dessa gente. Mas uma geração de desenganados é um pesado encargo para qualquer país.

### **À distância do tempo, acha que foi um ministro da Educação que o deixa sentir-se bem perante si próprio?**

Inteiramente. Defini as linhas de uma política educativa que continua a situar-se nos horizontes da nossa esperança.

### **Como define o fascismo?**

Os fascismos são movimentos de massas mobilizados contra a ineficácia dos estados burgueses no pós-Primeira Guerra Mundial. Todos eles são antirreligiosos, industriais e têm um caudilho. A definição de fascismo, no caso do nosso Estado Novo, é errada. O Estado Novo era um regime autoritário, conservador mas não fascista.

### **Não havia liberdade de expressão. E as pessoas que correram riscos e acabaram no Tarrafal ou no Aljube?**

Sei que se tenta inventar essa lenda negra.

### **Não houve PIDE nem Censura?**

Houve a PIDE, polícia política e, portanto, antipática e odiosa. Mas vou dizer-lhe: no ano pós 25 de Abril houve mais vítimas políticas que durante os cinquenta anos da PIDE.

### **Realidades diferentes. Uma democracia conquistada e registavam-se atentados à democracia...**

Julgo que os conceitos não apagam os factos. Não é um bom rótulo que faz um bom vinho. É evidente que houve um regresso a instituições da democracia burguesa de tipo europeu. E isso é, em si mesmo, um progresso, visto que estamos na Europa e temos de vestir pelo figurino europeu.

### **Em nome da segurança do Estado, não havia no anterior regime um chapéu que dava para cobrir tudo?**

É possível que houvesse abusos, porque quem tem o poder sempre abusa dele.

### **Salazar, um ditador?**

Ditadura, tecnicamente, é quando o governo governa sem Constituição. Havia Constituição.

### **E a farsa eleitoral no Estado Novo?**

Não lhe vou dizer que aquelas eleições fossem muito verdadeiras, tal como todas as eleições anteriores da República e da Monarquia não inspiravam confiança. As primeiras eleições plenamente críveis são as de 1975.

### **Depois do 25 de Abril, portanto...**

Exatamente. Mas não vai dizer-me que se reeduca um povo em tão pouco tempo ou acredita em milagres? Ou seriam cinquenta anos de paz política que fizeram com que essas eleições fossem exemplares?

### **A conquista da liberdade de expressão não contou nesse processo?**

Acha que sim? A maioria política de um povo só se alcança em décadas. As eleições de 75 são anticomunistas, mostram que o País é burguês e quer ser burguês. O que a Constituição de 1975 fez foi repor os quadros de constituições do tipo da revolução francesa, ora a revolução francesa foi há mais de duzentos anos. Hoje alguém acredita que um deputado representa alguém ou alguma coisa? As instituições perderam a credibilidade. O sistema envelheceu. É isso que explica que o número de votantes esteja a diminuir.

### **Não vê nada de bom no 25 de Abril?**

Vejo perdas. Vejo o País à beira da falência, vejo a nossa universidade cada vez mais fechada, vejo o número de obras originais publicadas em Portugal cada vez mais pequeno, vejo a Censura autêntica cada vez maior; mas também vejo ganhos: melhoria do nível de vida local e um clima de tolerância e compreensão mútua, um respeito pela opinião alheia qualquer que ela seja. Esta entrevista é a prova disso.

### **Que entende por «Censura autêntica»? É uma provocação sua?**

Censura autêntica é o triunfo dos interesses instalados. Mas eu fui, também, contra a Censura prévia. Foi negativa. Havia um grupo mais fanático, havia. Mas aos livros não havia Censura.

### **Que aconteceu, por exemplo, a livros de Aquilino, de Redol e do seu irmão António José Saraiva?**

Só tenho conhecimento expresso de ter sido ordenada a apreensão do *Dicionário Crítico* do meu irmão, mas quando isso aconteceu o livro já estava esgotado.

### **Admirava o seu irmão?**

Penso que foi o grande vulto mental do século XX em Portugal. Era um herói, eu não sou. Ele era o sol e eu a lua. Eu era um reflexo dele.

### **Somos um povo que continua à espera de Dom Sebastião?**

Somos. E, de quatro em quatro anos, elegemos um Dom Sebastião.

## **O Professor nunca foi molestado por esse país fora?**

Pelo contrário. Já cheguei a ser abordado por um telespectador do Pombal que me pediu autorização para um dia me embalsamar.

## **Estamos em risco de ser uma província de Espanha?**

Já somos. Por enquanto, há uma independência formal mas em breve, por uma conflagração que se adivinha, seremos um estado ibérico. Já não temos meios para nos bastarmos a nós próprios. É como um doente em quem cessou a produção de glóbulos vermelhos.

## **Num caso desses, Portugal voltaria a lutar pela independência?**

Já ninguém luta. A independência é quando há um projeto. Qual é hoje o projeto nacional português? Temos uma universidade que não tem nada que ver com os interesses nacionais. Cada uma escolhe para lá um tipo que esteja abaixo dos que já tem. É assim desde D. Dinis, agora já são anões.

## **A classe média está asfixiada...**

O 25 de Abril é obra da classe média. Agora está a queixar-se outra vez. Não tarda que tenhamos outro golpe. Criaram de novo o Regimento dos Comandos, é tipicamente o regresso ao antes do 25 de Abril. É a classe média que se sente insegura e pede ordem e segurança.

## **Continua a defender a mudança da capital portuguesa para o Norte?**

Sem dúvida. O Norte não confia no Sul. A evasão fiscal é gigantesca e esse simples facto resolvia, designadamente, o problema das finanças públicas. O Norte é mais dinâmico, tem mais sentido de risco. A capital em Lisboa justificava-se pelo estuário do Tejo, ora o estuário do Tejo é hoje um pulmão morto, não respira.

## **Não gosta das pessoas do Sul?**

Gosto muito, o Norte é que não.

## **Divisionista?**

Não, porque todos os portugueses são portugueses.

### **Sagres, a sul, é um símbolo da expansão portuguesa...**

Era já sagrado para os romanos. É ainda um ponto geográfico fundamental porque ali acaba a nortada.

### **Considera-se sem pecados?**

Olhe que considero. Penso que o único pecado é o ódio e as formas de ódio, a guerra é uma forma de ódio, a cobiça e a inveja são formas de ódio. Não sinto ódio.

### **Enquanto advogado defendeu inocentes e pecadores?**

Com certeza. Adotava uma regra: nunca defendi nenhum homem ou mulher que eu não pudesse dizer de mim para mim: nas mesmas circunstâncias eu era capaz de ter feito a mesma coisa.

### **Nunca defendeu o grande crime?**

Às vezes, crimes, sem dúvida. Mas deram-se casos tão comoventes, porque um homem no momento em que vai responder já não é o mesmo do momento do crime. É um farrapo, arrependido, suplicante. Acredito no arrependimento. Um homem que não se arrependa do mal que faz, isso já é patologia, cai no domínio dos psiquiatras.

### **Depois de tanta leitura e estudo, nunca precisou de psicanálise?**

Não. Só quando estou muito doente é que me sinto enfraquecer. Quando agora estive doente, houve um momento em que me senti fraquejar.

### **Rezou?**

Não. Pensei: Zé, estás a descambar, tem lá conta. Fora disso, sou uma cabeça bem ordenada. Sinto necessidade, como toda a gente, de acalmar e não durmo sem medicamentos.

### **Sente-se um rebelde?**

Não. Sou um integrado na ordem estabelecida. Sou conservador. Sou como as asas de um pássaro, ninguém voa com uma asa só.

### **Num mundo sem mudanças já viu que não haveria história...**

Já viu o que era o mundo sem estabilidade, não havia vida.

### **Está a dar-se um genocídio cultural no nosso país?**

Está a dar-se um crepúsculo. Deixou-se de ler e estamos perante uma crise muito grave no ensino.

### **Saudosista?**

Em certos aspetos sou. Peço sempre à minha mulher que faça os pratos que a minha mãe fazia; olhe, pastéis de massa tenra!

### **Sente-se mais historiador, filósofo ou advogado?**

Essencialmente professor. A minha turma tem oito milhões de matriculados. A minha aula é a televisão.

### **A televisão é para si um meio de poder?**

Claro que é. Mas eu tenho apenas um objetivo: os portugueses são dez milhões; eu tenho só um átomo e mobilizo-o num sentido cívico, procurando levar os meus concidadãos a uma atitude crítica, a uma atitude de serem capitães da própria alma, a uma defesa corajosa dos últimos valores em que acredito: a paz e a vida.

### **Enquanto historiador, como reage quando o acusam de omissões e inverdades?**

Recebo as críticas com toda a bonomia. Muitas críticas surgem, por exemplo, aos meus trabalhos sobre Camões. Compreendo que todos os outros autores que se ocupam de Camões olhem com muita impaciência para os meus trabalhos.

### **Por mostrar coisas desconhecidas?**



Foi como descobrir um poço de petróleo no quintal do vizinho. Tive essa sorte, encontrei uma pista nova da vida de Camões que me permitiu reconstituir todo o conjunto da sua vida e obra. Foi no meu quintal que apareceu o poço, não tenho culpa, mas foi.

### **De que forma começou a abrir o seu «furo» sobre Camões?**

Muito, muito simples. Partiu de apenas três letras: ama. Ama, mulher do amo: Violante». Ele próprio escreveu um longo poema, uma das coisas mais bonitas que se escreveram no mundo.

### **A Canção X...**

A Canção X, autobiográfica. Essa canção tem esta cilada: *Foi minha ama uma fera...* Ama é quem dá de mamar, então quem dá de mamar é uma fera, como é isto?! Bem, a loba, a loba de Capitólio e não, não era loba, era vaca, depois... não, não era vaca, era puta.

### **Afinal, era um amor?**

Então Camões, um homem tão ilustre ter assim uma orientação tão bera, não podia ser. Fui o primeiro a lembrar-me de que ama não queria dizer dar de mamar. Ama é a mulher do amo. Ele trabalhou para D. Francisco de Noronha. Como se chamava a mulher dele? Violante. Aí, encontro-me perante isto: grande parte dos versos de Camões são dedicados a Violante, a mulher que ele amou a vida inteira. Esta chave permite explicar todos, mas todos, os sonetos de Camões considerados misteriosos.

### **«Alma minha gentil que te partiste» é um soneto de Camões dedicado a que mulher?**

À Joana, filha de Violante. Ele ama duas mulheres: mãe e filha, e isso cria-lhe uma crucificação sentimental que é o tema central da lírica de Camões.

### **Camões amou Violante e sua filha como homem?**

Como amante. Ele diz: *na tua filha amo o teu retrato, ela é tua imagem, tem a tua luz mais pura.* Como é que um homem que ama o sol não há de amar a lua

que é o reflexo dele? Só que a Violante não ia muito nesta conversa, achou que ele estava a arrastar a asa à filha e isso provoca a vida desgraçada de Camões.

### **Cantou fervorosamente Dinamene...**

Mas Dinamene é a Joana, filha de Violante. Dinamene é a combinação das iniciais de Dona Iolana Noronha Andrade, do clã dos Menezes, a jovem que morreu no mar em viagem para a Índia. A série mais patética da lírica de Camões é sugerida por esse drama.

### **Como vai o ensino da história?**

Extremamente mal e os programas não podem ser piores. Com certeza que há bons professores, mas são a exceção à regra. E os alunos gostam de história quando é bem ensinada.

### **Há telespectadores que gostam de o ouvir mesmo que não percebam o que está a dizer. Deve-se à sua capacidade magnética de comunicar?**

Não é capacidade magnética. Tem que ver com o facto de as pessoas estarem cheias de amor ou cheias de ódio. Eu nunca me imponho. Limito-me a fazer companhia.

### **É visto por um público mais simplório ou por eruditos?**

Os eruditos sabem tanto, tanto que não têm espaço para aprender coisa nenhuma.

### **Reconhece que é um dos grandes comunicadores portugueses ?**

Há tantos comunicadores. O doutor Nemésio tinha uma capacidade de invenção verbal extraordinária e era, também, um homem que pensava mais nos outros do que em si; fui amigo e companheiro dele na Academia. As pessoas gostam de saber coisas da sua língua. Isso explica o grande êxito de programas como o do padre Machado, que não era um comunicador, não dizia nada que não viesse nos livros, todavia as pessoas assistiam deleitadas à explicação da sua própria língua. Um outro grande êxito, exatamente pela mesma razão, foi a Edite Estrela, essa mais interessante do que o padre Machado.

## **Cria uma ênfase singular na sua arte de comunicar?**

Não tenho nada de especial, a não ser que falo aos portugueses a linguagem simples, falo da história das suas terras pequenas; toda a terra tem uma história. Noutro dia fui fazer a história da Amadora; tem dois mil anos de história, quem sabia?

## **Tem o culto da pequena história?**

Da história que não está contada. É preciso evitar dizer o que já toda a gente sabe. Muitas das pessoas vão com um ar emproado contar patranhas que nunca aconteceram ou contam banalidades. Toda a gente sabe que foi Vasco da Gama que chegou à Índia e quem descobriu o Brasil foi o senhor Cabral.

## **Toda a gente sabe... em princípio...**

Tem razão. Há pessoas que até ignoram isso. Tenho ouvido na televisão dizer que no tempo do marquês de Pombal o mar chegava ao Rossio e, quando foi o terramoto, com os escombros dos prédios ele mandou aterrar aquilo... Calcule, já no tempo de D. Dinis havia a muralha onde é hoje o Arco da Rua Augusta! E o rei D. Manuel vivia no Paço por cima dos armazéns das pimentas.

## **Faz encenação para os seus programas televisivos?**

Encenação, era o que faltava!, mas estudo. Nem escrevo nada, leio e tento decifrar a história.

## **Tem uma imagem antipadrão televisivo, dá estalinhos com a boca. Como atrai os telespectadores?**

Agora estou um pouco velho, mas em novo até tinha uns olhos muito bonitos.

## **Os seus cães metem medo...**

Posso garantir-lhe que os meus cães, como os cavalheiros do século passado, respeitam as senhoras e as crianças. Quanto aos homens, não posso garantir coisa nenhuma.

## **Quais as regras de jogo que um historiador deve respeitar?**

Há tantas óticas quantas as maneiras de ver. Estou a adaptar para português uma história universal feita por historiadores espanhóis e cada autor tem, no seu capítulo, uma orientação.

### **A história sempre sujeita à interpretação dos historiadores?**

Uma das seduções da ciência histórica é esse inexorável subjetivismo. Cada historiador tem os seus postigos. Por mais que se queira dar à história o rigor científico e quantitativo das ciências físicas há sempre o lado impossível. O historiador é um dos ingredientes da história. A história é o reino do Tu.

### **Que é o reino do Tu?**

São as ciências em que a realidade conhecida e o sujeito cognoscente se fundem. Isso é que faz a fascinação da história. Não se podem demarcar a giz, no terreno, as regras do historiador. Em todo o caso – e falo agora da conjuntura portuguesa atual –, é de exigir que o historiador não falsifique aquilo que aconteceu, substituindo-o por aquilo que ele gostaria que tivesse acontecido.

### **Está a ser deturpada a história de Portugal?**

Isso está a acontecer fortemente com pessoas que aparecem a contar a história recente e inventam uma sucessão de factos que só existe na fantasia e no desejo delas, e desacreditam a disciplina histórica.

### **Com que idade se sente um homem que atravessa um século de vida?**

Cada época tem o seu alicerce, a sua solidez, a sua estabilidade. Encontro-me numa época nova. Venho da época em que se dizia *ganharás o pão com o suor do teu rosto*, e veja lá se o suor hoje dá de comer a alguém. *Quem não trabuca não manduca*, veja lá se isto é verdade, é o oposto de uma época em que se falava dos dois inimigos: o capital e o trabalho.

### **Capital e trabalho já não são inimigos?**

O capital comprou o trabalho, são as máquinas que trabalham e as máquinas são capital, não são trabalho. Existem partidos que se assumem como partidos dos trabalhadores, não percebem que já não há trabalhadores, são as máquinas que

trabalham, as máquinas não fazem greve. A crise dos partidos de esquerda vem daí. O capital comprou tudo, isso é que acabou com a esperança no mundo, porque o capital não é esperança para ninguém. Sinto-me numa época que não pode voltar para trás, mas ainda não rasgou as estradas que a hão de levar para a frente.

### **Que é preciso para rasgar estradas?**

Não há epílogos na humanidade. Há sempre uma continuação, embora muitas vezes, e a história ensina isso, essa continuação seja através do purgatório de tragédias.

### **Estamos a atravessar o purgatório?**

Estamos num patamar de hesitação sem saber quem são os bons e quem são os maus; a assistir a ameaças de guerras como se os cavaleiros do Apocalipse tivessem voltado. Vemos o presidente dos EUA arvorar-se em dono dos destinos do mundo e condenar regimes e estados ao aniquilamento e vemos os outros países sem coragem para lhe dizer que cada um tem o direito de escolher o seu próprio modo de vida. Perdeu-se a moral em que fomos criados; a geração de hoje renunciou a essa moral mas não foi capaz de encontrar outra. Hoje, só sei o que é caro e o que é barato. Isso cria uma terrível insegurança.

### **Tem uma visão muito pessimista. Acha possível uma terceira guerra mundial?**

Uma terceira guerra mundial, no sentido em que foram a primeira e a segunda, não vai acontecer porque a Segunda Grande Guerra magoou tanto e causou um grau de sofrimento tão grande e tão difícil de controlar que ninguém corre os riscos de uma terceira. Até porque a semente venenosa que então nasceu – o armamento atómico –, se generalizou e já não é só um dos adversários que a tem.

### **Generalizou-se e refinou-se?**

Refinou. Uma guerra daquele tipo não haverá, mas sim do género das que assistimos no Afeganistão, em que de longe, com pontarias certas, se

aniquilou um país, ou esta que se desenha para o Iraque, que será uma guerra tipo cirúrgico, em que um país declara: o senhor fulano de tal está a preparar isto e aquilo, e dizem-no sem ter provas.

### **Dizem que têm provas...**

Nem que as tenham. A guerra é, em si mesma, um crime, parta de quem partir. Você pode ter uma carteira recheada e eu não ter um tostão; tem obrigação moral de repartir a sua carteira comigo, mas, se o não fizer, eu não tenho o direito de perpetrar um crime para me apoderar da sua carteira. Estou convencido de que o grande passo de civilização que a humanidade espera do século XXI é a condenação da guerra. Quem fizer a guerra é criminoso contra a humanidade, seja o presidente dos EUA ou do Iraque ou Bin Laden. Penso que as coisas evoluirão nesse sentido.

### **Como se combate o terrorismo?**

Elevando o nível económico e cultural dos povos que a ele recorrem.

### **Poder-se-á ter esperança no poder do bem sobre o mal?**

Tem sido essa a grande marcha da humanidade. Conseguiu-se erradicar a escravatura. Conseguiu-se erradicar a pirataria, que era legítima até ao século XVIII.

### **Confrontamo-nos com outras formas de injustiça?**

A desigualdade profunda que marcava os tempos da escravatura transferiu-se para outro plano: hoje há povos senhores e povos escravos; povos condenados a viver uma existência de submundo, onde morrem todos os dias milhares de crianças à fome.

### **Salazar nunca foi a África...**

Pois não. Ele era muito cauteloso. Sabe que Marcelo Caetano não foi alheio à preparação do 25 de Abril?

### **O 25 de Caetano seria igual?**

Evitaria os distúrbios daquele primeiro ano (1974), que foi tempo perdido. Marcelo começava logo em 75. Que se fez em 74/75? Para onde foi o nosso ouro? Para onde foi o nosso crédito? Onde estão as tais obras dos grandes escritores que ninguém podia publicar? Desde o reinado de D. Carlos, esse período do Estado Novo é o mais criativo. E na economia estávamos a crescer a um ritmo de oito por cento; não ouviu a senhora ministra dizer que este ano vamos crescer zero por cento ou pouco mais. Pagaremos caro, com o sacrifício da independência dentro de vinte anos.

### **Está a escrever as suas memórias. Quando vai editá-las?**

Ficam escritas, porque quem as fez tem de as pagar. A publicação ficará para daqui a cem anos. *Quando a verdade, que é nua, / Me cegar como um sol, e eu me voltar para onde há lua, / E procurar jardins convencionais e plácidos, / Queima-me com teus olhos ácidos!*

### **Aí temos Régio em *Exortação ao Meu Anjo*. Tem um anjo da guarda?**

Tenho um anjo chamado Verdade.

### **Sente-se um génio?**

Qual génio!, eu sou um homem médio. Tenho capacidade de improvisar o discurso rapidamente mas nada disso me absolve desta mediania mental em que me situo.

### **Gosta de sentir-se na berlinda?**

Gosto. Gostava de poder dizer-lhe o contrário mas não era sincero. Sou extremamente sensível ao aplauso; é um dos meus calcanhares de Aquiles.